

A LITERATURA BRASILEIRA COMO UMA FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E PESSOAL DOS ESTUDANTES

Maria Alzira dos Santos Lima ¹
Tiago Costa Carvalho de Azevêdo ²
Maria Alice Marinho Silva ³
Ivo Marinho Silva ⁴

INTRODUÇÃO

No último século, nosso mundo presenciou diversas revoluções em diferentes áreas, sendo as mais notórias na esfera tecnológica. Apesar do brilhantismo dessas criações e as expectativas nelas impostas, às relações interpessoais e qualidade de vida das pessoas não aumentaram como o esperado, e hoje, mais do que nunca, é perceptível o adoecimento não só da sociedade como rede mas também das pessoas individualmente.

Tendo em vista que a rede social é feita por indivíduos, se quisermos um dia reverter esse estado, é necessário tratar o problema a partir da raiz, pessoa por pessoa. É imprescindível ter em mente que os seres humanos só mudam de fato sozinhos, mas mais ainda saber que dificilmente essa mudança acontece sem um “ponta pé” inicial.

Além da necessidade de um ponto de partida, um outro fator que retarda esse amadurecimento pessoal é o ritmo frenético ao qual nossa sociedade está submetida, atingindo principalmente os jovens brasileiros. Nessa perspectiva, a escola tem um potencial excepcional para obter êxito nesse aprendizado, visto ser uma das únicas e principais redes de apoio em que o jovem pode ter acesso.

Quando já não mais na primeira infância, pode ser difícil encontrar um espaço no conteúdo programático, entretanto foi possível observar os impactos positivos em alunos do terceiro ano do ensino médio, provenientes das aulas de literatura modernista brasileira e reuniões do “clube do livro” realizado com alguns desses estudantes.

Este trabalho tem o intuito de expor a viabilidade em guiar o aluno para o desenvolvimento pessoal e emocional, utilizando da literatura brasileira. Tendo em vista a importância de auxiliar o aluno para além das matérias obrigatórias: incentivar o crescimento pessoal e o apreço pelas produções artísticas brasileiras.

¹ Graduanda do Curso de Saneamento do IFPE campus Afogados da Ingazeira, masl7@discente.ifpe.edu.br;

² Graduando pelo Curso de Saneamento do IFPE campus Afogados da Ingazeira, tiagocazevedo@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Informática do IFPE campus Afogados da Ingazeira, mams3@discente.ifpe.edu.br;

⁴ Docente de Língua Portuguesa do IFPE campus Afogados da Ingazeira, ivo.marinho@afogados.ifpe.edu.br.

METODOLOGIA

A partir de conversas informais entre os alunos, relacionadas às experiências obtidas nas aulas de literatura modernista brasileira, foi realizado um formulário online com perguntas objetivas obrigatórias e um espaço para comentários, opcionais. O formulário foi disponibilizado aos alunos para que respondessem voluntariamente e lhes foi garantido o anonimato. Ao todo foram obtidas 27 respostas de alunos de duas turmas do 3º ano médio do IFPE Campus Afogados da Ingazeira.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa foi realizada à luz dos conceitos expostos no livro *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire, especialmente no que cerne seu ponto central: o discente como protagonista do seu próprio aprendizado. “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p. 25). Para tal, é necessário que haja do educador uma reflexão acerca de sua didática, uma vez que se faz importante ensinar o aluno a “pensar certo” (p. 15), o docente não pode apenas reproduzir o conhecimento mecanicamente, precisa então encontrar um meio que incentive o estudante a ter um pensamento crítico e não apenas reprodutivo. Nessa perspectiva é natural que seja de extrema importância, que o professor respeite o aluno e suas aprendizagens anteriores à sala de aula. Ele defende que o aluno não é como uma caixa vazia esperando ser preenchida com conhecimentos, e além disso, cabe ao educador debater com os alunos o porquê deles terem tais saberes.

Também foi usado como base a teoria construtivista de Jean Piaget, que entra em concordância com a teoria de Paulo Freire em alguns aspectos, como no sentido de entender que o aluno não apenas recebe o conhecimento passivamente – o que também é um ponto de destaque em seu estudo. Pelo contrário, é defendido que o estudante precisa ser o protagonista na construção dos seus conhecimentos, ao passo que o professor lhe guia, o discente matura a provocação de modo que desenvolve uma independência intelectual. Na teoria piagetiana, há um ponto de grande relevância para a presente pesquisa: o aluno desenvolve melhor quando em interação com o meio. Tal contato permite que o indivíduo aprenda tanto pelas próprias experiências, quanto pelas experiências dos que estão ao seu redor. Ademais, é possível

perceber um maior engajamento do estudante quando ele tem “o controle” do seu aprendizado além de um desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

Ainda, em relação à viabilidade de guiar o desenvolvimento emocional do aluno por meio da literatura, na sua Teoria Transacional da Obra Literária, Louise Rosenblatt diz que a leitura depende do leitor – o texto não vai se fazer meramente entendido por qualquer pessoa que o leia. O significado do texto então não depende apenas de sua composição, mas da construção lógica feita por quem o lê, a partir de sua bagagem cultural.

“Cada indivíduo, seja ele um locutor, ouvinte, escritor ou leitor, trás para a transação uma bagagem linguística e vivências pessoais, que correspondem ao resíduo de transações passadas com a vida e a linguagem” (Rosenblatt, 1994: 182).

Sob essa ótica, Rosenblatt defende que, durante a transação entre o texto e quem o lê, há também, além de apenas uma compreensão meramente racional, uma ligação emocional por parte do leitor. Tal envolvimento pode levar ao desenvolvimento emocional e pessoal de diferentes maneiras como pela identificação com os personagens ou construção de um senso crítico a partir dos temas da obra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A avaliação do aprendizado – tanto da literatura, prevista no conteúdo programático das turmas, quanto no âmbito do desenvolvimento pessoal e emocional, – feita pelos próprios estudantes foi muito satisfatória. Dos 27 alunos que responderam ao formulário, apenas 4 afirmaram ter o hábito de leitura, por outro lado, 24 disseram se interessar em ler os livros os quais foram tratados em sala. À pergunta sobre o que perceberam que foi desenvolvido no emocional deles por essa vivência, nenhum estudante marcou a alternativa “nada”, todas as opções foram marcadas, sendo a mais votada “senso crítico” (22) seguida de “reflexões acerca da vida” (20). Na questão dissertativa optativa, onde os estudantes estiveram livres para comentar a experiência, foram obtidas 15 respostas, todas avaliando positivamente a abordagem feita na sala de aula, muitas valorizando especificamente a dinâmica de envolver os alunos em debates acerca dos trechos dos livros lidos, visto que prendeu a atenção deles e fazendo assim que desfrutassem dos textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como defende Freire, é preciso que o docente esteja atento à sua didática, para adaptá-la da melhor forma aos discentes. Diferentemente de uma aula de literatura convencional – onde o professor apresentaria apenas a premissa de várias obras, de vários autores. – a qual o aluno poucas vezes demonstra interesse, ler fragmentos das obras estudadas e abrir discussões acerca deles com a turma pode ser muito benéfico: para os alunos que além de assimilar o conteúdo com mais facilidade, pode ainda desenvolver-se a partir tanto da leitura quanto dos diálogos; e também para o professor, que pode igualmente aprender com os estudantes.

Entretanto é preciso ressaltar que, como Rosenblatt defende, o entendimento da literatura depende de cada leitor, dessa forma o livro que tem potencial para aflorar a sensibilidade de um aluno talvez não seja do interesse de outro aluno, por isso se faz importante a posição do professor como um guia para incentivar a discussão sobre os textos entre os estudantes e lhes mostrar diferentes temas em livros.

Nesse sentido entra a relevância de se trabalhar com a literatura brasileira, uma vez que compartilham de aspectos culturais com os discentes. Um papel especial cabe ao modernismo brasileiro, por sua variedade de temas, personagens e ambientes, se faz coringa e de fácil identificação por parte do leitor, assim tendo o potencial para ser a melhor escola literária para esse trabalho.

Palavras-chave: Literatura brasileira, Desenvolvimento emocional, Desenvolvimento pessoal.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- PIAGET, J. **A Construção do real na criança.** Rio de Janeiro, Zahar, 1970
- ROSENBLATT, L. **The reader, the text, the poem:** The transactional theory of the literary work. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1994. (Texto original publicado em 1978).